



Depois da apresentação publicada no dia de ontem, segue a entrevista exclusiva que Carlos Lisboa concedeu ao Planeta Basket. Vamos procurar saber o que está por detrás de tantos êxitos e títulos,

tanto individuais como coletivos. Qual é a receita para consegui-lo não só como jogador, mas ainda como treinador e dirigente. Vamos procurar saber quais as qualidades e competências que permitiram atingir tantos feitos.

Aconselhamos todos os leitores do site, dos 8 aos 88 anos a se sentarem confortavelmente à frente dos seus computadores, tablets ou smartphones para que possam tirar o máximo partido da entrevista a Carlos Lisboa.

Muito Bom Dia, Carlos! Obrigado por ter aceite o nosso desafio. Vamos começar pelo início, pelos teus primeiros passos no basquetebol. Qual foi a tua primeira equipa e quem foi o teu primeiro treinador?

A minha primeira equipa, no escalão de mini-basquetebol, foi a SOLGAL, onde era treinador Nitin Parshotan, que atualmente vive em Londres e era pouco mais velho que nós.

Que recordações tem desses tempos?

Excelentes. Quer nessa época, quer na época seguinte em que joguei, no mesmo escalão, pela equipa Talismã, onde mantivemos o mesmo Treinador, onde para além de nos divertirmos imenso a jogar, ainda conseguimos ir à final do Torneio da Coca-Cola, que desenvolveu e promoveu de uma forma muito significativa, o basquetebol, na então Lourenço Marques.

Seguiu-se o SL Benfica onde jogou durante apenas uma época. Na tradicional conversa de café contam-se várias histórias acerca dessa temporada. Uns dizem que foi

dispensado, outros que saiu por este ou outro motivo. Pode contar aos nossos leitores o que aconteceu na realidade?

Ainda antes de regressar a Portugal, continuei a jogar a basquetebol, 2 anos como Iniciado e 1 como Juvenil na equipa do Sporting de Lourenço Marques. Só em 1974 é que fui para ao SL Benfica, como vários meus amigos que vieram de Lourenço Marques e juntos decidimos ir treinar na sua equipa de Juvenis. Deste grupo de meus amigos acabei por ser único a ficar, mas como jogava pouco tempo, acabei por achar que não valia a pena estar a prejudicar os meus estudos e decidi deixar de jogar basquetebol depois do Natal de 1974.

De que forma conseguiu Mário Albuquerque motivá-lo a vestir a camisola do Sporting CP?

O Mário de Albuquerque, que foi sempre o meu ídolo e que já conhecia dos tempos em que vivia em Moçambique, que encontrei, por acaso, nos Restauradores, já em Outubro de 1975, perguntou-me se eu queria jogar basquetebol e, como era Treinador dos seniores do Sporting CP, disse-me para eu aparecer para treinar com a equipa de Juniores, onde era treinador o Rui Pinheiro – que eu também admirava – e, assim, recomecei a jogar e fomos vice-campeões, nessa época, em Juniores.

Em 1982 nova mudança de clube. O novo desafio chama-se Clube Atlético de Queluz. Porque escolheu a proposta de um clube sem grandes sucessos até então?

Fui para o Queluz, sobretudo, porque vários dos meus colegas de equipa (Rui Pinheiro, Augusto Baganha, João Cardoso, o Santiago, entre outros), foram para lá e eu achei bem ir com eles, porque tínhamos uma boa relação.

Após dois anos no Queluz foi para o SL Benfica. Porquê esta mudança?

Porque, depois de termos conquistado a Taça de Portugal e de termos sido campeões nacionais, em 1983/84, entendi que poderia evoluir mais e melhor num Clube com a História e a dimensão no SL Benfica.

Na sua opinião qual foi segredo da gloriosa caminhada europeia da equipa do SLB, nunca vista e nunca repetida no basquetebol português?

Trabalho, dedicação, paixão pela modalidade e uma grande ambição, numa grande equipa onde prevalecia o espírito de vitória e uma forte cumplicidade entre todos, jogadores, corpo técnico e dirigentes.

Na sua opinião quais são as principais características que um jogador de basquetebol

deve possuir para atingir o topo de basquetebol europeu e mundial?

Dedicação, entrega e ambição, muito trabalho, treino constante e uma constante concentração... mas, no essencial, uma grande motivação em ser Profissional, para conquistar tudo o que houver para conquistar.

As pessoas que consigo trabalharam costumam referir que uma das suas principais características é o enorme desejo de ganhar em tudo o que faz. Como conseguiu alimentar diariamente esse desejo de vencer enquanto jogador? Em que procurava e onde encontrava motivação?

É verdade. Sempre quis ganhar, em tudo o que faço e fiz, nestes anos, ao serviço do basquetebol. Como? Tentando, em cada treino e em cada jogo, fazer melhor do que no anterior, procurando, em cada derrota e em cada vitória, a força e a motivação, para a próxima vitória – até porque, como costume dizer, ainda hoje, aos meus jogadores: “Ganhar só traz vantagens”.

Chegou a ter medo ou receios antes de um jogo? Como controlava as emoções antes dos jogos?

Não, nunca! Medo é uma palavra que deve ser banida a quem pratica uma qualquer modalidade desportiva com a paixão de jogar o jogo pelo jogo e, por isso, nunca controlei qualquer emoção antes de cada jogo, vivendo-os a vibrar pela competição e o desafio de fazer tudo pela equipa que represento, mesmo que com alguns excessos que, espero, sejam sempre vistos e interpretados por bem e por ser natural em tudo o que faço.

Outra característica normalmente diferencia um bom jogador de uma estrela é a capacidade de gerir as emoções sobre pressão. Neste capítulo foi também reconhecido. Qual é o segredo para assumir as responsabilidades da jogada final, que pode ou não, dar a vitória à sua equipa sem ter medo de falhar?

A pressão faz parte do jogo de basquetebol, pois é uma modalidade em que, durante todo o tempo em que dura o jogo, não há “paragens”. A concentração tem que estar sempre presente, com a cabeça “fria” e o coração “quente”! Se era chamado a assumir, nunca a tal me furtei, pois era o que o treinador e os meus Colegas e equipa esperavam de mim, muitas vezes, o próprio público que me exigia e eu não os podia defraudar, mesmo podendo falhar, nunca me poderiam acusar de não tentar. Assumo que gosto da pressão, quer, antes, como jogador, quer, agora, como treinador, para motivar os meus jogadores.

Ser o líder de uma equipa como o SL Benfica, composta por excelentes jogadores, cada um com grande personalidade não é fácil. Mas você fê-lo com sucesso ao longo da sua carreira. Como o conseguiu e quais as características que lhe permitiram ser tão bom

líder dentro de campo?

Não serei eu, certamente a pessoa certa para me avaliar, pois ninguém é bom juiz em causa própria. Mas da minha experiência, quer como jogador, quer como treinador, sempre tive a Honra e o privilégio de ter excelentes jogadores ao meu lado, o que foi e é, sempre um desafio adicional para poder fazer mais e melhor, pois as responsabilidades aumentam.

O que significa a palavra "Equipa" para Carlos Lisboa?

Tudo! Em basquetebol não há "individualidades", mas sim um coletivo com um objetivo comum: jogar, para ganhar! Porque jogar basquetebol, não é só marcar pontos, há que ganhar posses de bola a defender, a ressaltar, a desarmar lançamentos, a "roubar" bolas, para, no ataque, se jogar com quem está em melhor posição para concretizar cestos, criar linhas de passe e fazer as assistências para que se alcance a eficácia desejada. Muito embora, entenda que, em qualquer equipa, seja natural despontarem, em certas alturas, um ou outro jogador, a quem se confia a tomada de decisões, em campo, para se alcançarem os objetivos de todos.

Aos 18 anos estreou-se na equipa sénior do Sporting CP. Na opinião de Mário Albuquerque, o treinador da altura, "o Lisboa defendeu com unhas e dentes a sua posição na equipa". Qual é a fórmula e a postura que os jovens portugueses devem ter ao ser integrados nas equipas sénior, para além da sua qualidade basquetebolística?

Treinar bem, para convencerem os treinadores a lhes darem minutos de jogo e, quando os conquistarem, aproveitar bem esses minutos, para convencer os treinadores que merecem mais tempo de jogo, sendo humildes, ouvindo os mais experientes e demonstrar, em campo, a qualidade que possuem, sem "medo" de falharem, pois, tal como eu, aos meus 18 anos, ainda tinha muito para aprender e também aprendi com os meus erros e imaturidade própria dessa idade. Daí que, desde que sou treinador, vários tenham sido os meus jogadores, que, com os mesmos 18 anos, tenham tido essa oportunidade.

Acha que um dia é possível haver outro Carlos Lisboa no basquetebol português?

Claro que sim! Não "outro Carlos Lisboa", mas com outro nome, com a sua própria personalidade e outras características – sem dúvida, pois, nunca havendo "dois jogadores iguais", há muitos jovens com valor a despontar no basquetebol português, com certeza.

O lançamento é o fundamento mais importante do basquetebol e Carlos Lisboa dominava-o na perfeição. O que pode aconselhar aos jovens portugueses para melhorá-lo? O que fazia para atingir tão elevada eficácia?

Não há "segredos", mas sim, trabalho e treino... nas horas de treino e, sobretudo e muito importante, fora delas, para o aperfeiçoamento, com muitas repetições, ouvindo os conselhos dos mais velhos e experientes, "pensando" o lançamento e visualizando a bola a entrar no

cesto. Por exemplo, quando treinava sozinho, procurava sempre traçar objetivos de “x” número de lançamentos, em cada posição e não parava enquanto os não alcançasse.

Era seu ritual antes da bola ao ar, colocar-se debaixo do cesto e marcar duas bolas sem espinhas. Porque o fazia?

Não era antes da bola ao ar, mas antes do grito da equipa, mais por um ritual que próprio criei para mim.

Reconhece diferenças entre o basquetebol praticado no seu tempo enquanto jogador e o de hoje em dia?

Por um lado, como o tempo de ataque era de 30 segundos, havia mais possibilidade de pensar as jogadas, sendo o jogo atual mais físico e rápido, apenas porque se reduziu esse tempo para 24 segundos – no mais, poucas diferenças haverá.

O Planeta Basket desafia-o a fazer o 5 ideal dos jogadores, que praticavam basquetebol na sua época, respeitando as posições:

Não devo, nem posso, fazer esta escolha, pois há e houve sempre tantos jogadores com qualidade para ocupar cada uma destas posições, que a escolha seria, sempre injusta e incompleta.

Qual foi treinador que mais o marcou?

O treinador que mais me marcou foi alguém de quem hoje poucos se lembrarão – o João Morais, que foi meu treinador nos Iniciados no Sporting de Lourenço Marques, mas, reconhecendo, que, na verdade, todos os meus treinadores fizeram de mim o que fui como jogador.

Quantas vezes foi internacional?

Representei a Seleção Nacional de Portugal, com muito orgulho e honra, no total e para além dos jogos nos campeonatos europeus, 103 vezes, sempre e só, como sénior.

Qual foi o jogo com a selecção nacional que mais o marcou? Porquê?

Muitos! Mas, em particular, um, em que marquei 46 pontos, disputado em, Maio, em Istambul, contra a Bulgária, na época de 1981/82, estava eu na tropa e onde conseguimos a manutenção no Grupo B, depois de termos vencido, no mês anterior, o Grupo C, na Suíça. Mas, também,

Timeout com Carlos Lisboa

Escrito por Planeta Basket
Terça, 29 Abril 2014 08:40

vários jogos de preparação que, nessa altura, a nossa Seleção disputou nos EUA e onde recebi alguns convites para bolsas para estudar em Universidades americanas, porque nunca quis sair de Portugal.

O que pensa do site Planeta Basket?

Um excelente e indispensável veículo para a divulgação do Basquetebol, pioneiro e persistente na sua defesa e projeção.

Por fim, deixe aqui a sua mensagem para os leitores do Site Planeta Basket:

Não deixem de praticar desporto e, em particular, o Basquetebol e, quando não, que venham ver jogos e encham os pavilhões!